



## **COSMOPOLÍTICA SOLIDÁRIA: O COTIDIANO DO TERREIRO ILÊ DE OXUM PANDA MIRÉ FRATERNIDADE OGUM BEIRA MAR**

*COSMOPOLITICS SOLIDARITY: THE DAILY LIFE OF TERREIRO ILÊ DE OXUM PANDA MIRÉ FRATERNITY OGUM BEIRA MAR*

*OLIDARIDAD COSMOPOLÍTICA: LA VIDA COTIDIANA DE TERREIRO ILÊ DE OXUM PANDA MIRÉ FRATERNIDAD OGUM BEIRA MAR*

Hélen de Oliveira Soares JARDIM<sup>1</sup>  
Dulce Mari da Silva VOSS<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A escrita busca tornar visível o invisível, modos próprios de existir, lutar pela vida e manter as origens ancestrais africanas nas culturas afro-brasileiras. O estudo decorre de uma pesquisa descritiva, cujos dados foram extraídos das postagens feitas numa rede social pelo Ilê de Oxum Panda Miré Fraternidade Ogum Beira Mar, terreiro localizado na cidade de Bagé (RS, Brasil). E, a partir da análise dos dados coletados, move-se o pensamento em torno do cotidiano desta comunidade, seus saberes e fazeres, compreendendo-os como elementos que indicam a criação de modos próprios de existir em desvios às necropolíticas de morte geradas pela pandemia do COVID-19 que afeta de modo ainda mais perverso as comunidades periféricas, ao agravar as desigualdades sociais, diante do crescimento do desemprego, da fome e da pobreza. Ao

<sup>1</sup> Mestranda em Ensino; Universidade Federal do Pampa; Bagé, RS, Brasil. E-mail: helenjbage@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação; Universidade Federal do Pampa; Bagé, RS, Brasil. E-mail: dulce.voss@gmail.com

protagonizar ações solidárias, a comunidade do terreiro demonstra lealdade aos princípios éticos e políticos de uma filosofia de vida afro, concebida nos processos comunitários. Marcas simbólicas e culturais engendradas no cotidiano que evidenciam uma cosmopolítica solidária. Com isso, ao praticar a religiosidade e a solidariedade, não só em suas ritualísticas, mas também na ajuda mútua que oferece as demais pessoas das periferias, nestes cruéis tempos pandêmicos, reafirma laços e afetos comunitários, sinais de afirmação e autoafirmação da vida. Artes de resistir e existir em que se criam elos entre o passado e o presente ao resgatar saberes e modos de vida relegados ao senso comum, menosprezados na interpretação acadêmica, mas intensos nos movimentos cotidianos que contém em si o germe de uma vida coletiva mais plural e mais bela.

**Palavras-chave:** Comunidade afro-brasileira; terreiro; cotidiano; cosmopolítica solidária.

## RESUMEN

La escritura busca hacer visibles lo invisibles, las formas propias de existir, luchar por la vida y mantener los orígenes ancestrales africanos en las culturas afrobrasileñas. El estudio surge de una investigación descriptiva, cuyos datos fueron extraídos de publicaciones realizadas en una red social por Ilê de Oxum Panda Miré Fraternidad Ogum Beira Mar, terreiro ubicado en la ciudad de Bagé (RS, Brasil). Y, a partir del análisis de los datos recolectados, el pensamiento se mueve en torno a la vida cotidiana de esta comunidad, sus conocimientos y acciones, entendiéndolos como elementos que indican la creación de formas propias de existir en desviaciones de la muerte necropolítica generada por la pandemia del COVID-19, que afecta aún más perversamente a las comunidades periféricas al agravar las desigualdades sociales ante el aumento del

desempleo, el hambre y la pobreza. Al liderar acciones solidarias, la comunidad del terreiro demuestra lealtad a los principios éticos y políticos de una filosofía de vida afro, concebida en procesos comunitarios. Marcas simbólicas y culturales engendradas en la vida cotidiana que evidencian una cosmopolítica solidaria. Con ello, practicando la religiosidad y la solidaridad, no solo en sus rituales, sino también en la ayuda mutua que ofrecen los demás pueblos de las periferias, en estos crueles tiempos de pandemia, reafirma los lazos y afectos comunitarios, signos de afirmación y autoafirmación de la vida. Artes de resistencia y existiendo en las que se crean vínculos entre el pasado y el presente mediante el rescate de conocimientos y formas de vida relegadas al senso común, menospreciadas en la interpretación académica, pero intensas en los movimientos cotidianos que contienen en su interior el germen de una vida colectiva más plural y más hermosa.

**Palabras clave:** comunidad afrobrasileña; patio; vida cotidiana; cosmopolítica solidaria.

## ABSTRACT

The writing seeks to make visible the invisible, own ways of existing, fight for life and maintain the african ancestral origins in afro-brazilian cultures. The study stems from a descriptive research, whose data were extracted from posts made on a social network by Ilê de Oxum Panda Miré Fraternity Ogum Beira Mar, terreiro located in the city of Bagé (RS, Brasil). And, from the analysis of the collected data, the thought moves around the daily life of this community, its knowledge and actions, understanding them as elements that indicate the creation of own ways of existing in deviations from the necropolitical death generated by the COVID-19 pandemic, which affects peripheral communities even more perversely, aggravating social inequalities, unemployment, hunger and poverty. By leading

solidarity actions, the community of the terreiro demonstrates loyalty to the ethical and political principles of a philosophy of Afro life, conceived in community processes. Symbolic and cultural marks engendered in everyday life that evidence a solidary cosmopolitics. With this, by practicing religiosity and solidarity, not only in their ritualistics, but also in the mutual help offered by the other people of the peripheries, in these cruel pandemic times, reaffirms community bonds and affections, signs of affirmation and self-affirmation of life. Arts of resisting and existing in which links are created between the past and the present by rescuing knowledge and ways of life relegated to common sense, belittled in academic interpretation, but intense in the daily movements that contain within it the germ of a more plural and beautiful collective life.

**Keywords:** afro-brazilian community; yard; daily life; solidarity cosmopolitics.

### 1. Em tempos de Pandemia: Afirmar a Vida

Um ser microscópico decidiu fazer uma viagem entre dois corpos de espécies diferentes. Na época, parecia uma turnê rara transmitida e assistida em canais de televisão e na Internet no mundo todo. Algo tão espantoso e, ao mesmo tempo, ameaçador. Espalhou-se com uma energia destrutível em aceleração crescente, proliferando-se pelo planeta Terra. O ser microscópico e invisível tornou-se, enfim desafiante para o mundo que não quer sua presença. Mas, está entre nós e nos força a lutar cada dia contra o inimigo invisível. O medo se instalou nas ruas que, por pouco tempo num período inicial, ficaram mais vazias. Quem pode, permanece isolado. Mas, os donos da vida, que detêm além do poder, a riqueza econômica e podem se proteger da doença, decidiram que o mundo não pode parar, mesmo que para isso muitas mortes aconteçam e estão acontecendo todos os dias.

É esse o jogo perverso que torna ainda mais desumanas as condições de sobrevivência de quem, há muito tempo, já sente a dor e o sofrimento da perda do direito de existir diante da profunda desigualdade social e da precariedade de acesso à saúde, moradia, trabalho, escolarização. Seres desumanizados diante do poder de

morte, necropoder causado pela “instrumentalização generalizada da existência humana” e que banaliza “a destruição material de corpos humanos e populações”<sup>3</sup>.

Muitos governos não agem de modo expressivo no combate a pandemia. A exemplo do governo brasileiro que viola os direitos sociais legalmente instituídos, desde a Constituição Federal Brasileira de 1988. Pois, nosso país ocupa, desde o início da pandemia, a terrível posição de segundo lugar no mundo em número de óbitos e, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a septuagésima nona posição no mapa mundial do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

O inimigo invisível segue se materializando em inúmeros adoecimentos, levando consigo muitas vidas que são contabilizadas, como se fossem apenas números. Até o dia de hoje, mais de 219 milhões de pessoas já sentiram essa violência na carne, 4,55 milhões morreram e, dentre essas vidas ceifadas, mais de 597 mil, só no Brasil. Na região da campanha gaúcha, as comunidades das periferias da cidade de Bagé (RS), que já viviam em condições precárias, são assoladas pela doença associada ao desemprego, a fome e a pobreza. Em meio ao caos, surgem lições de vida encampadas pelas próprias comunidades que insistem em enfrentar a morte. Falamos aqui das ações realizadas pelo terreiro Ilê de Oxum Panda Miré Fraternidade Ogum Beira Mar, por considera-las de suma importância neste momento obscuro de muitas dores e sofrimentos em nosso país e região diante das inúmeras mortes causadas pela Covid-19.

Com esta escrita queremos tornar visível o invisível e destacar as práticas solidárias desta comunidade afro-brasileira que nos permite considerar suas ações uma cosmopolítica solidária. Trata-se da:

[...] criação de estratégias compartilhadas com outros/as que desejam resistir ao regime colonial capitalístico/cafetinístico e seus agenciamentos macro e micropolíticos que capturam corpos, mentes, subjetividades e pulsão de vida. Regimes biopolítico e necropolítico que engendram tecnologias de governo das forças vitais, agem na própria composição dos modos de existência, afetados pelo padrão cultural colonial, assim como produzem poder de morte<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2019, p. 10-11.

<sup>4</sup> VOSS, Dulce Mari da S. Habitar outros mundos em tempos sombrios. IN: ROCHA, Paulo Henrique Borges; MAGALHÃES, José Luiz Quadros de; OLIVEIRA, Patrícia Miranda Pereira de. *Decolonialidade a partir do Brasil*, v. 05. Belo Horizonte: Dialética, 2020, p. 221-240.

Cosmopolítica solidária de afirmação da vida e que nos remete a uma filosofia política e ética afro. Como escreve Sodré<sup>5</sup> sobre o saber ético e cosmológico experimentado pelos nagôs ou yorùbás, povos oriundos da África Subsariana que foram os últimos a serem forçosamente arrancados das terras africanas e trazidos sob a condição de escravos para as coloniais brasileiras, nos fins do séc. XVIII e início do XX. Esse autor refere-se, assim, a “perspectiva de um modo afro de pensar tipificado no sistema nagô”, como “uma forma intensiva de existência (forma em que a passagem do biológico ao simbólico ou ao espiritual é quantitativamente significativa), com processos filosóficos próprios”.

Em contraposição aos epistemicídios eurocêntricos, Sodré (2017) sugere a criação de uma filosofia nagô, enquanto uma “outra maneira de pensar”, de inventar e possibilitar “um encontro singular com os temas repelidos pela lógica formal ocidentalista”. O outro desterritorializado pelo capital, cuja potência criativa escapa em linhas de fuga, forças e intensidades outras<sup>6</sup>.

Pensamos que essa coletividade de Oxum dá provas concretas de como experiência a ancestralidade africana herdada de seus antepassados, pois as ações que pratica nos remete aos saberes e fazeres genuínos das culturas de origem. Ao inventar formas próprias de resistir ao sofrimento e a falta de condições dignas de existência, tornam-se protagonistas das lutas pela vida, combatendo a morte.

## 2. Estudo de Caso

Buscamos aqui pensar o cotidiano, a partir das possibilidades que uma coletividade, praticante da religiosidade afro-brasileira, cria para escapar aos danos causados pela pandemia, ao protagonizar ações solidárias que indicam sua lealdade aos princípios éticos e políticos de uma filosofia de vida afro, concebida nos processos comunitários. Recorremos, para isso, as postagens do terreiro Ilê de Oxum Panda Miré Fraternidade Ogum Beira Mar numa rede social, selecionando algumas imagens onde percebemos indícios significativos das ações promovidas, elementos analisados com base nos autores estudados.

<sup>5</sup> SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 16.

<sup>6</sup> SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

Desse modo, o método que subsidiou essa escrita refere-se a pesquisa descritiva que coloca o cotidiano em evidência<sup>7</sup>:

Assim, em vez de um sistema formal e a priori de categorias, conceitos, estruturas, classificações, ou outras formas de regulação, de ordenação exterior à vida cotidiana; temos considerado a possibilidade de pensar o cotidiano como redes de fazeres saberes tecidas pelos sujeitos cotidianos. Outro aspecto a ser destacado tem por objetivo descaracterizar a ideia de redes de fazeres saberes como algo que acontece no cotidiano, como uma dada característica ou propriedade do cotidiano. Consideramos cotidiano o próprio movimento de tessitura e partilha dessas redes. As redes não estão no cotidiano. Elas são o cotidiano!

Ressalta o autor que, os estudos com o cotidiano assinalam a pertinência das redes cotidianas protagonizadas pelos sujeitos que as praticam. Sujeitos cotidianos não são objetos de análise, mas as redes das ações efetivadas no cotidiano é o que importa aos pesquisadores/as que lidam com estas análises.

Portanto, este estudo vai “ao encontro dos movimentos de tessitura e partilha”<sup>8</sup>, mobilizados pelo e no cotidiano das ações da coletividade estudada, no lugar “do habitado”, “do praticado”, “do vivido”.

Os estudos com o cotidiano, ao acontecerem em meio ao que está sendo feito, isto é, em meio aos processos de tessitura e contaminação das redes, expressam o “entremeado” das relações dessas redes nos diferentes espaços tempos vividos. Os fluxos desses saberes fazeres por entre essas redes e seus sujeitos se dão em meio ao acaso das lógicas rizomáticas (Deleuze & Guattari, 1995) que os caracterizam<sup>9</sup>.

Certeau<sup>10</sup> diz que é das práticas cotidianas que se pode extrair maneiras de fazer, muitas vezes, imperceptíveis na vida social e que destoam de outras formas focadas nas práticas corriqueiras e conformistas com uma lógica individualista. Artes de fazer que se alimentam de uma sensibilidade estética, desviante de verdades impostas. Movimentos da vida cotidiana nos lugares onde se criam as artes de fazeres e saberes. Vida cotidiana que se torna “um refúgio para o desencanto do futuro

<sup>7</sup>FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. *Revista Educação e Sociedade*, vol. 28, n. 98, Campinas, SP, jan./abr. 2007, p. 73-95. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 05/10/2021, p. 77-78.

<sup>8</sup>FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. *Revista Educação e Sociedade*, vol. 28, n. 98, Campinas, SP, jan./abr. 2007, p. 73-95. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 05/10/2021, p. 79.

<sup>9</sup>FERRARA, Jéssica Antunes. Perspectivas decoloniais e feminismos: olhares descentralizados e alternativas críticas. IN: ROCHA, Paulo Henrique Borges; MAGALHÃES, José Luiz Quadros de; OLIVEIRA, Patrícia Miranda Pereira de. *Decolonialidade a partir do Brasil*, v. 05. Belo Horizonte: Dialética, 2020, p. 79.

<sup>10</sup>CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

improvável, de uma História bloqueada pelo capital e pelo poder. Viver o presente [...] do aqui e agora, do viver intensamente o minuto desprovido de sentido”<sup>11</sup>. Pois:

Se a vida de todo dia se tornou refúgio dos cétricos, tornou-se igualmente o ponto de referência das novas esperanças da sociedade. O novo herói da vida é o homem comum imerso no cotidiano. É que no pequeno mundo de todos os dias está também o tempo e o lugar da eficácia das vontades individuais, daquilo que faz a força da sociedade civil, dos movimentos sociais. [...] No refúgio da vida cotidiana o homem descobre a eficácia política (e Histórica) de sua aparente solidão, impõe, também, o reconhecimento de que o senso comum não é apenas instrumento das repetições que imobilizam a vida de cada um e de todos<sup>12</sup>.

Encontrar os elos entre o passado e o presente, de modo a resgatar saberes ancestrais relegados ao senso comum, menosprezados na interpretação acadêmica, implica prestar atenção aos movimentos cotidianos, às coisas miúdas do dia a dia que contém em si o germe de uma vida coletiva mais plural e mais bela.

### 3. Resultados e discussão

Os terreiros são territórios de invenção e manifestação das culturas diaspóricas afro-brasileiras, pois a diáspora levou as populações negras, despedaçadas e arrancadas das suas terras de origem, a inventar novos territórios, novos corpos e caminhos para reconstruir a vida e ressignificá-la, constituindo assentamentos como um “chão sacralizado” no qual as experiências de modos coletivos de vida tornam possíveis movimentos de uma cosmopolítica solidária. Assim:

Nesse mesmo movimento, emerge o conceito de terreiro, a ambivalente condição dos seres em dispersão marca o nó que se ata entre a perda do território e a invenção de outro. Assim, o terreiro aqui inscrito não se limita às dimensões físicas do que se compreende como espaço de culto das ritualísticas religiosas de matrizes africanas, mas sim como todo o “campo inventivo”, seja ele material ou não, emergente da criatividade e da necessidade de reinvenção e encantamento do tempo/espaço. Nessa perspectiva, a compreensão da noção de terreiro se pluraliza, excede a compreensão física para abranger os sentidos inscritos pelas atividades poéticas e políticas da vida em sua pluralidade<sup>13</sup>.

O autor refere-se aos processos diaspóricos africanos pelos quais é forjado “um assentamento comum nos processos de ressignificação do ser, suas invenções de

<sup>11</sup> MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 3a ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 51.

<sup>12</sup> MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 3a ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 52.

<sup>13</sup> RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro, RJ: Mórula Editorial, 2019, p. 106.

territorialidades, saberes e identidades", constituído cotidianamente com a produção de "um projeto político/poético/ético/antirracista/descolonial"<sup>14</sup>.

Para Rufino, a descolonização é um projeto a ser construído a partir do cruzamento de saberes que foram suprimidos e dos seres não brancos destruídos pela colonialidade, "marafunda ou carrego colonial", de um "sistema mundo racista/capitalista/cristão/patriarcal/moderno/europeu e às suas formas de perpetuação de violências e lógicas produzidas na dominação do ser, saber e poder"<sup>15</sup>

O desafio nos demanda outros movimentos, mirando uma virada linguística/epistemológica que seja implicada na luta por justiça cognitiva e pela pluriversalização do mundo. Devemos credibilizar gramáticas produzidas por outras presenças e enunciadas por outros movimentos para, então, praticarmos o que, inspirado em Exu e nas suas encruzilhadas, eu chamo de cruzo. A ancestralidade é a vida enquanto possibilidade, de modo que ser vivo é estar em condição de encanto, de pujança, de reivindicação da presença como algo credível<sup>16</sup>.

A colonialidade gera a dominação pela raça, "mentira e sopro de má sorte", encarnação dos seres submetidos à condição de racializados, mas que inventam movimentos, entre giros e vacilos, jogos do corpo, palavras e ritmos, para desviarem-se da opressão. Nisso, a comunicação entre os povos, que foram posicionados nessa condição de subalternidade, torna-se o caminho da crítica ao colonialismo, da produção de uma virada do conhecimento e das práticas para o reposicionamento dos saberes que foram deslegitimados. Ruf<sup>17</sup> propõe uma "Pedagogia das Encruzilhadas", concebida pelas potências de Exú. Encruzilhada pensada como morada de Exú: "ponto de força, caminhos de intersecções e possibilidades".

É esse movimento que percebemos nas ações criadas pelo Ilê de Oxum Panda Miré Fraternidade Ogum Beira Mar, comunidade do terreiro que cultiva uma cosmopolítica solidária nos lugares em que vive e que, com isso, reafirma a cosmogonia afro ao praticar a religiosidade, não só em suas ritualísticas, mas também na ajuda mútua que oferece as demais pessoas das periferias da cidade de Bagé, nestes cruéis tempos pandêmicos.

---

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 41-42.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>16</sup> *Ibidem* p. 15.

<sup>17</sup> *Ibidem*.

Nas postagens desta comunidade, as ações solidárias praticadas são evidentes. Como mostra a imagem publicada nas redes sociais pelo Babalorixá do terreiro, no dia 4 de abril do corrente ano (figura 1).

No texto do Babalorixá presente nesta postagem, a prática da religiosidade afro é anunciada como construção contínua e “misericórdia, perante qualquer injustiça. Na imagem, a comida de santo simboliza o ato de pedir aos Orixás proteção nos tempos pandêmicos, para que os caminhos sejam abertos e os que mais necessitam de auxílio e luz nas travessias dos tempos difíceis possam ser protegidos e conduzidos.

Figura 1: A oferenda aos Orixás



Fonte: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=2889595984645516&id=100007854272225](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2889595984645516&id=100007854272225),  
2021.

A oferenda de frutas refere-se ao pedido por fartura de alimentos, o mel é a busca por doçura no cuidado com a vida, no convívio entre famílias, as flores para que não falte a alegria, o ouro simboliza o “ganha pão” no dia a dia, a água vem para clarear a jornada. Elementos que compõem a ritualística de conexão entre o sagrado e o terreno, entre a fé e a vida.

Mas a comunidade do terreiro não apenas recorre aos rituais religiosos no interior dos espaços sagrados onde faz suas preces aos orixás para que iluminem os caminhos e conduzam a coletividade a dias melhores. Aliada às práticas ritualísticas e simbólicas, a comunidade do terreiro protagoniza ações solidárias de ajuda mútua em mutirões

de arrecadação e distribuição de alimentos aos mais necessitados. É o que mostram as postagens nas páginas seguintes.

Pensamos que as ações registradas nestas imagens são evidências da criação da cosmopolítica solidária que liga o passado ao presente, fortalecendo a ancestralidade africana nesta vida comunitária, pois:

A tradição inscrita na ancestralidade representa um momento de autonomia grupal enquanto memória continuada e vigilante de um conjunto de regras e de personagens historicamente afinados com uma maneira particular de ordenamento do real. Esse conjunto perfaz uma constelação de valores coletivos (fins compartilhados, bem holístico, comunalismo etc) historicamente apresentada como um pensamento socio ético que reflete as estruturas comunitárias das sociedades africanas tradicionais<sup>18</sup>.

Rituais, crenças e simbologias que mantêm viva a ancestralidade pelas práticas ritualísticas e comunitárias do terreiro, configurando, assim, uma cosmopolítica, ética e estética de resistência negra e de criação das artes de existir que escapam ao epistemicídios eurocêntricos, às políticas de morte, celebrando e afirmando a vida.

Figura 2: Comunalismo



Fonte: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=2895009730770808&id=100007854272225](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2895009730770808&id=100007854272225), 2021.

<sup>18</sup> SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 110.

Figura 3: Comunalismo



Fonte: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=2895009730770808&id=100007854272225](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2895009730770808&id=100007854272225), 2021.

Figura 4: Comunalismo



Fonte: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=2895009730770808&id=100007854272225](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=2895009730770808&id=100007854272225), 2021.

#### 4. Considerações finais

Ao trazer neste texto as artes de uma cosmopolítica solidária praticada pelo terreiro Ilê de Oxum Panda Miré Fraternidade Ogum Beira Mar, procuramos tornar visíveis as forças e ações mobilizadas contra dores, sofrimentos e desigualdades, evidenciando movimentos no cotidiano de uma comunidade afro-brasileira que afirma seu direito de existir de modo próprio. Fazeres e saberes do cotidiano mobilizado como estratégias de transgressão às injustiças praticadas pelo colonialismo. Valorização da herança cultural africana, dentre essas manifestações, o direito ao culto afro-brasileiro e os modos ancestrais de existir no contexto social em que a comunidade do terreiro se inseriu.

Uma cosmopolítica riscada enquanto batalha contra as mandingas nos campos político, ato de responsabilidade pela preservação da vida em sua diversidade cosmopolita, inúmeras sabedorias e formas de produção da linguagem. Novas possibilidades do mundo e de outros tempos:

[...] um tipo novo de subjetivação, em que ocupam um primeiro plano a experiência simbólica do mundo, o primado rítmico do existir, o poder afetivo das palavras e ações, a potência de realização das coisas, as relações interpessoais concretas, a educação para a boa vida e para a boa morte, o paradigma comunitário, a alegria frente ao real e o reconhecimento do aqui e agora da existência (grifos do autor)<sup>19</sup>.

Assim, em contracorrente às forças que destroem a vida, as comunidades afro-brasileiras, como os terreiros, demonstram a potencialidade da afirmação e autoafirmação de outros modos de existir coletivamente. Ação ética, estética e política de celebração da vida que transforma a presença de cada ser existente nas relações com os outros e o mundo. Evidências das fissuras e insurgências das culturas de matriz africana, afrodiaspóricas e afro-brasileiras que se mostram vibrantes e contagiantes.

#### Referências Bibliográficas

---

<sup>19</sup> *Ibidem* p.100.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CONCEIÇÃO, Pedro. **Relatório do Desenvolvimento Humano, 2019. Além dos rendimentos, além das médias, além do Presente: desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI**. Nova York: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/relatorio-do-desenvolvimentohumano-2019.html>. Acesso em: 06/10/2021

FERRARA, Jéssica Antunes. Perspectivas decoloniais e feminismos: olhares descentralizados e alternativas críticas. IN: ROCHA, Paulo Henrique Borges; MAGALHÃES, José Luiz Quadros de; OLIVEIRA, Patrícia Miranda Pereira de. Decolonialidade a partir do Brasil, v. 05. Belo Horizonte: **Dialética**, 2020, p.117-137

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Revista Educação e Sociedade**, vol. 28, n. 98, Campinas, SP, jan./abr. 2007, p. 73-95. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 05/10/2021.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 3a ed. São Paulo: Contexto, 2017

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2019.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro, RJ: Mórula Editorial, 2019.

SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

VOSS, Dulce Mari da S. Habitar outros mundos em tempos sombrios. IN: ROCHA, Paulo Henrique Borges; MAGALHÃES, José Luiz Quadros de; OLIVEIRA, Patrícia Miranda Pereira de. Decolonialidade a partir do Brasil, v. 05. Belo Horizonte: **Dialética**, 2020, p. 221-240

